

Safatle, Vladimir, *A paixão do negativo. Lacan e a dialéctica*, São Paulo, UNESP, 2005, 335p.

Composto a partir da tese de doutoramento do A., defendida na Universidade de Paris VIII em 2002, este livro estuda a matriz dialéctica do pensamento de Jacques Lacan.

Tal matriz afigura-se necessária à racionalidade da psicanálise tanto ao nível do seu programa como ao da sua praxis. No primeiro caso, a psicanálise procede a uma crítica da razão centrada na consciência e na unidade do sujeito do conhecimento usando para isso os protocolos da razão, senão mesmo do racionalismo. No segundo caso, o objectivo da prática analítica - o advento do sujeito (*Wo Es war, soll Ich werden*) - pressupõe um regime de reconhecimento que envolve a razão dialéctica.

Lacan pensou dois regimes de reconhecimento: o paradigma da intersubjectividade, cuja expressão canónica é o aforismo *o desejo do sujeito é o desejo do Outro*; e o paradigma do objecto definido como aquilo que do ou no sujeito não tem lugar na cadeia significativa. Trata-se nestes paradigmas de duas negações - que determinam duas modalidades diferentes de relação entre racional e real. Na primeira, o real, campo empírico, é integralmente simbolizado e anulado em operações significantes (o real é racional). Na segunda o real, presença objectal do negativo, manifesta-se como resto que resiste à simbolização (o real não é todo racional). Não é difícil perceber que a primeira negação nada tem de dialéctica e corresponde isso sim àquilo que a *potência negativa do transcendental* tem de subsunção. A tese de Vladimir Safatle é a de que, apesar de assentar na dialéctica do desejo, o primeiro paradigma pouco ou nada deve à dialéctica e que só a segunda negação releva de facto de uma dialéctica negativa em que Hegel e a Adorno surgem como referências principais. A tese consiste em mostrar que encontramos nestes dois autores um sujeito definido como lugar do não-idêntico e uma subjectivação tratada como dialéctica sujeito-objecto na qual o objecto é aquilo que é irreduzível às determinações de sentido; e que é possível encontrar pontos de convergência entre estas percepções dialécticas da subjectividade e a percepção lacaniana do sujeito como tensão permanente entre sexual e significativo, entre objecto *a* e Outro. Com a confrontação de Lacan e Adorno, que constitui o ponto mais original e inovador da tese, o A. deseja ultrapassar a ideia enraizada entre os estudiosos de que o acesso de Lacan à filosofia de Hegel teria sido exclusivamente mediatizado por Kojève e Hyppolite para assim introduzir uma reflexão mais alargada sobre a relação entre psicanálise e dialéctica.

O A. começa por caracterizar a constelação conceptual que, numa primeira fase, alinha a teoria lacaniana do inconsciente com a filosofia transcendental, na medida em que o poder negativo do transcendental do significativo força a intersubjectividade em hipóstase do Outro como Lei fálica: a Lei só reconhece o desejo como desejo da Lei. Não admira então o papel crucial que um texto como *Kant avec Sade* desempenha na viragem do paradigma da intersubjectividade para o do objecto. Trata-se para Lacan de descolar a sua teoria do sujeito da *estratégia transcendental* que, como Deleuze bem lembrava, é inerente ao racionalismo estruturalista. Para tal, Lacan apresenta Sade como a verdade de Kant, ou seja, a perversão como homóloga da lei moral; mais ainda, os imperativos categóricos de Kant e de Sade, exigindo a rejeição de todo e qualquer

objecto empírico e patológico, como modelo e referência da lei do desejo puro. O A. defende que *Kant avec Sade*, assim como o seminário que lhe corresponde, *L'éthique de la psychanalyse*, constituem um jogo orquestrado por Lacan contra si mesmo em que a crítica de Kant é afinal uma autocrítica de *Lakant*.

Segue-se o estudo do paradigma do objecto, *objecto inerte vinculado ao real* que se manifesta como *algo de informe, de impessoal, de opaco às determinações de identidade*, através da análise das suas diferentes modalidades de apreensão (fantasma, pulsão) e da possibilidade que estas oferecem de reconhecimento de uma experiência interna de não-identidade. Tal experiência situa uma instância singular que não é da ordem da palavra mas da do sensível e que o A. refere ao *retorno ao sensível* operado pela crítica hegeliana da lei moral kantiana. Não se trata de sensível imanente mas de um sensível articulado entre negação e ontologia, o que permite pensá-lo como negativo provido de realidade ontológica. Além disso, e aqui entra Adorno, o sensível manifesta-se como resistência da coisa e da referência à significação e ao conceito. O tratamento hegel-adorniano do sensível compõe assim um quadro dialéctico para a definição do objecto *a* como impasse do conceito e para a formalização desse mesmo impasse através da letra nas suas duas vertentes lógico-matemática e estética. Dado que Adorno não pensou as matemáticas, o A. trata apenas daquilo a que chama a *formalização artística* da irredutibilidade do sensível ao conceptual, estudando aprofundadamente a sublimação. A conclusão sublinha a *guinada ontológica* que o segundo paradigma imprime à metapsicologia, precisando que se trata de uma ontologia sem substância, pois o real lacaniano não é ser nem essência, mas uma negatividade a que é conferida dignidade ontológica.

O livro de Vladimir Safatle coloca assim aquilo que considera como as principais coordenadas filosóficas (Kant, Hegel, Adorno) em que se move a teoria lacaniana, apontando sempre os pontos em que ela não cabe nessas mesmas coordenadas e as rejeita ou subverte. Não se trata de alienar a psicanálise à filosofia - acusação frequentemente dirigida a este tipo de obras por aqueles a quem custa aceitar que o pensamento de Lacan teve e tem no campo das ciências humanas um impacto, uma produtividade, uma eficácia e um sucesso desconhecidos no seu campo próprio, o da psicanálise -, mas de confrontar discursos que coexistem, se sobrepõem, se atravessam e se chocam.

Entre alguns pontos passíveis de esclarecimento ou discussão destaco o lugar de Freud nesta tese. Sendo certo que a intransitividade do desejo no primeiro paradigma *exclui 'até certo ponto' Freud*, qual terá sido o peso da prevalência freudiana do objecto na viragem para o segundo paradigma? Não será que o verdadeiro retorno a Freud acontece quando Lacan põe decisivamente em causa a concepção estruturalista do inconsciente através da teorização do real como o heterogéneo da estrutura? Não é isso que Lacan significa no início do *Seminário XI* quando diz que o inconsciente freudiano não cabe todo no inconsciente estruturado como uma linguagem? A ser assim, seria interessante perceber porque é que o paradigma mais hegeliano é também o mais freudiano, tendo em conta que Lacan sempre opôs Hegel e Freud. É óbvio que do que se trata aqui é de Lacan com a dialéctica, não de Lacan com Freud. Ainda assim, creio que Vladimir Safatle tende a desvalorizar a referência freudiana da teoria do objecto *a*, o que passa estrategicamente por uma acentuação tendencialmente unilateral de algo como um 'bio-empirismo' de Freud: *gênese empírica da consciência moral*, pulsão de morte como *instinto bruto de destruição* ou ainda sublimação enquanto *hedonismo estético e reconciliação entre as exigências pulsionais e os imperativos intersubjectivos da vida social*. Estes três conceitos freudianos têm um denominador comum: o *Surmoi*. Ora o *Surmoi* é precisamente uma noção que vem problematizar aquilo que a

metapsicologia freudiana aparentemente deveria ao 'bio-empirismo', já que surge no âmbito de uma teoria da cultura centrada em torno da função universal do pai (o monoteísmo sem crença a que o mito do parricídio primordial dá expressão narrativa). Afirmando que o inconsciente constitui um saber (sobre a morte do pai) herdado por via filogenética, Freud diz no entanto em *Moïse* que ele releve de *l'universalité de la symbolique du langage*. Seja como for, esta herança cultural, depositária do sentimento de culpa (consciência moral) e do desejo de punição (pulsão de morte), inscreve-se em esquemas congênitos filogenéticos, como o Édipo, cuja função categorial Freud refere a Kant em *L'Homme aux loups*. Aliás, Freud compara o imperativo *surmoïque* ao imperativo categórico. Quanto à sublimação, que constitui o processo de formação do *Surmoi*, textos como *Le Moi et le Ça* ou *Théorie de la libido* problematizam suficientemente a sua função social, numa linha que, desde *Pour introduire le narcissisme*, distingue idealização e sublimação e reaparece em *Psychologie des foules et analyse du Moi* sob as designações de *idéal du Moi* e *idéal de la foule*.

Isto não quer dizer que o monoteísmo freudiano seja aquilo que Lacan dele fez: uma ruptura militante do positivo em negativo. O que caracteriza a teoria de Lacan é essa *paixão do negativo* cujas vicissitudes Vladimir Safatle descreve com um domínio e uma clareza notáveis nesta obra que é seguramente um marco nos estudos lacanianos.